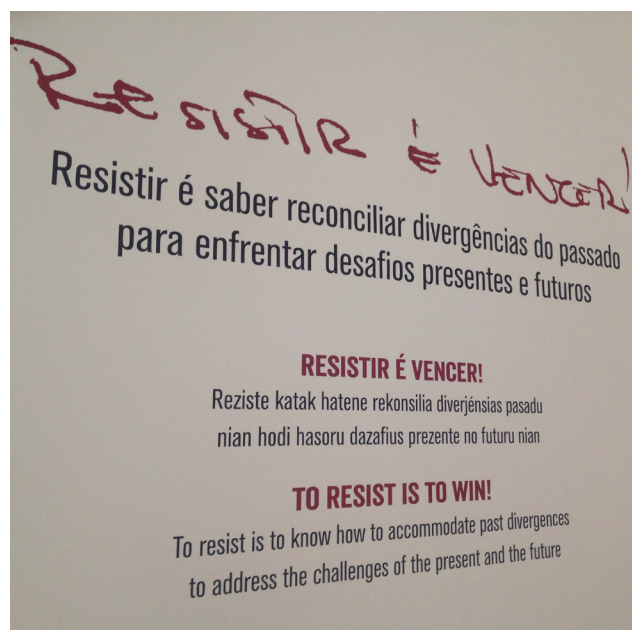


# MUSEUS: ORIGEM E DISSEMINAÇÃO



## Imagem interna do Museu da Resistência

A origem da palavra Museu encontra-se na Grécia antiga, museion, ou casa das musas, local destinado ao estudo da filosofia. As musas, filhas de Zeus com Mnemosine (divindade da memória), eram donas da memória, imaginação e previsões. O museion, lugar privilegiado, onde a mente repousava e onde o pensamento profundo criativo, liberto de problemas e aflições cotidianas, poderia dedicar às artes e às ciências.

Para a historiadora brasileira Marlene Suano (1986), nesse período, as obras de arte expostas no museion existiam mais em função de agradar as divindades do que serem contempladas pelo homem. Foi no Egito, século II (a.C.), em Alexandria, que a preocupação com o museion adquiriu características de armazenamento e coleções de coisas variadas, sobre temas ligados a religião, mitologia, astronomia, filosofia, medicina, zoologia, arte, etc.

Os museus, ou gabinetes de curiosidades, proliferaram nos séculos XVI, XVII e XVIII em decorrência da abundância de objetos que chegavam à Europa proveniente das descobertas do Novo Mundo. As coleções somavam, em Paris, setecentos e vinte e três. Outros países como a Itália, Alemanha, Dinamarca e Inglaterra também possuíam importantes coleções.

A partir de então, a palavra Museu está relacionada à ideia de coleções, de compilações sobre determinados assuntos. Na modernidade, as modificações em relação ao conhecimento e ao ideário de classificação desses conhecimentos, asseguraram nova importância aos museus, tidos então como gabinetes de curiosidades.

Segundo o historiador inglês Peter Burke (2003), os museus de então, têm como principais questões, não somente o armazenamento de objetos que podem causar curiosidade ao visitante, mas também enfrentam, como as bibliotecas e os currículos da época, problemas quanto ao ordenamento dos objetos e modos de classificá-los, representando outras possibilidades do conhecimento sobre o mundo e os vestígios materiais com os quais podíamos percebê-los.

No que tange ainda às transformações históricas que os museus enfrentam, identificamos, no final do século

XX, que novas propostas da museologia (que então já se constituía como um saber específico sobre esses espaços de memória social), trazem à tona, questões que sempre foram postas de lado ou tocadas de forma bastante superficial pelos estudiosos do patrimônio ou organizadores de museus: uma História que contemplasse a memória ligada ao universo de homens e mulheres comuns com suas múltiplas experiências e representações. A memória histórica, nesse caso, mais especificamente a memória coletiva construída com elementos comuns a um grupo que dividem, sobretudo, os lugares comuns de vivências e linguagem, que os fazem próximos com a utilização de símbolos comuns.

## NOVA MUSEOLOGIA

Novos conceitos da Museologia foram elaborados, como a expressão “Nova Museologia”, que foi resultado de uma mesa-redonda organizada pelo International Council of Museums- ICOM, em Santiago no Chile, no ano de 1972. A proposta do movimento que surge neste instante denominado “Nova Museologia” toca nas seguintes questões: A museologia deve procurar, num mundo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação, a práticas mais vastas que esses objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico. Para atingir esse objetivo e integrar as populações na sua ação, a museologia utiliza-se cada vez mais de interdisciplinaridade, de métodos contemporâneos de comunicação comuns ao conjunto da ação cultural e igualmente dos meios de gestão moderna que integram os seus usuários. Este novo movimento põe-se decididamente ao serviço da imaginação criativa, do realismo construtivo e dos princípios humanitários definidos pela comunidade internacional. Torna-se, de certa forma, um dos meios possíveis de aproximação entre os povos, do seu conhecimento próprio e mútuo, do seu desenvolvimento cíclico e do seu desejo de criação fraterna de um mundo respeitador da sua riqueza intrínseca. Neste sentido, esse movimento, que deseja manifestar-se de uma forma global, tem preocupações de ordem científica, cultural, social e econômica.

## MUSEU E EDUCAÇÃO

Segundo a museóloga argentina Margarita Barreto, é na segunda metade do século XX que os museus assumem a proposta educativa que se torna mais evidente com a criação dos ecomuseus (França e Inglaterra) e dita a definição de museus modernos por George-Henri Rivieri (primeiro diretor do ICOM – Conselho Internacional de Museus), instituição a serviço da sociedade que

adquire, conserva, comunica e expõe com a finalidade de aumentar o saber, salvaguardar e desenvolver o patrimônio, a educação e a cultura, bens representativos da natureza e do homem.

A ideia de educação, ao longo da segunda metade do século XX, passa a abranger novos conceitos em que já se compreende que a experiência educacional, que deve ser integradora e lançar o sujeito num universo de relações múltiplas, se torna representativa de um aparato que serve de mediador entre sociedade, indivíduos, técnica, representações culturais e todos os níveis de consciência coletiva. Aquilo que importava apenas como vinculador de ideias em campos restritos e limitados de forma material e subjetiva passa a se importar com uma expansão de formas e conteúdos no sentido de tornar o evento institucional da educação uma experiência que conduza seus componentes por uma via de acesso que realize a conexão entre experiência e prática no que tange ao processo de ressignificação de valores e conteúdos. Aquele espaço restrito e restritivo da sala de aula passa a não significar mais um templo de “sabedoria” imaculado e tem seus limites ampliados com o objetivo de possibilitar a efetivação real de uma totalização humana.

A ideia de ecomuseu traz em seu elenco de opções de visitas e estudos, áreas naturais como parques de interesses geológicos, florestais, além do histórico, estabelece uma ponte que serve de trânsito entre várias disciplinas e áreas do saber. Aqui se tem, com certeza, uma ampliação de perspectivas da utilização sob o aspecto educativo desse museu-percurso. Tal utilização se efetiva não apenas para os jovens estudantes da cidade, mas também para estudantes de toda a região e mesmo de locais mais distantes. A disciplina de História se torna um veículo condutor não apenas do próprio ato de elaborar os sentidos dos fatos

## A disciplina de História se torna um veículo condutor não apenas do próprio ato de elaborar os sentidos dos fatos do passado.

do passado, mas também amplia, dessa forma, uma análise do presente a partir desses parques que colocam discussões como a de conservação dos órgãos públicos e também questões ligadas ao meio ambiente, cujos debates são atuais e formadores de perspectivas para o futuro.

A atitude dos Museus perante a educação é linha mestra. Não há, portanto, em Museus Históricos, ou ecomuseus, conteúdos e temas que não se justifiquem o conhecimento e a formação dos cidadãos. A educação permitida através, sobretudo, do olhar, possibilita novos entendimentos, novas atitudes e transformações. Os Novos Museus possuem pensamentos e propósitos ideológicos, alinhavam imagens, objetos e palavras num cenário de conhecimento e valores.

Cláudia Kreidlora  
Professora PQLP/CAPES  
E-mail: claudiakreidlora@gmail.com